

RIGOBERTA MENCHÚ*

(TRECHOS)

"Gostaria de contar desde quando era criança ou até desde quando estava na barriga de minha mãe, (...) porque nossos costumes nos ensinam que a criança, desde o primeiro dia da gravidez da mãe, já é uma criança".

(...) "Quando ela (mulher grávida) estiver de sete meses, é quando se põe em contato com toda a natureza, segundo nossa cultura. Sairá para o campo, irá caminhar na mata. Assim, a criança estará tomando afeição por toda a natureza. ...tem que ensinar ao filho a vida que a mãe vive. Por exemplo, se a mãe levanta às três da manhã. Levanta-se às três da manhã, faz seus serviços, sai para caminhar, se afeioa com os bichos, se afeioa com toda natureza, tendo em mente que a criança está recebendo isso, e começa a conversar com o filho. ...É como se estivesse acompanhada de um turista. ...Sai para o campo mas explicando ao filho os detalhes. É uma obrigação que a mãe tem que cumprir obrigatoriamente."

Foto extraída
do jornal
PORANTIM,
Ano XVI, nº 156

"Nós, os indígenas, temos mais contato com a natureza. (...) O que nos explicam nossos pais desde crianças é que não se deve desperdiçar água, mesmo quando haja. A água é uma coisa pura, uma coisa limpa, uma coisa que dá vida ao homem. Sem a água não se pode viver(...). Então, temos a água como uma coisa sagrada e isso está em nossa mente desde crianças(...). Temos a terra. Nossos pais nos dizem: - A terra é a mãe do homem, porque é quem dá de comer ao homem -. (...) Só se pode ferir a terra quando há necessidade. Essa concepção faz que, antes de plantar nossa roça de milho, tenhamos que pedir licença à terra."

"Nós vivemos nas montanhas, ou seja, nas terras não férteis, nas terras que só dão milho, feijão, e no litoral dá qualquer colheita. Descemos para as *fincas* para trabalhar durante oito meses. Esses oito meses, muitas vezes não são seguidos, porque partimos um mês para ir plantar no planalto nossa pequena roça de milho. Descemos para a *finc*a enquanto cresce o milharal e assim, quando já é hora de colher em nossa pequena roça de milho, voltamos ao planalto. Mas imediatamente se acaba outra vez. E temos que descer de novo para a produção, para ganhar dinheiro."

*Rigoberta, líder Maya-Quiché guatemalteca; Prêmio Nobel da Paz em 1992. Trechos extraídos do livro "Meu Nome é Rigoberta Menchú - E assim nasceu minha consciência", de Elizabeth BURGOS. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1993.